

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Ciências Sociais**

Luis Carlos Peters Motta

**CONTRATO SUBJETIVO DE EDUCAÇÃO TOTAL:
a nova relação família-escola**

Porto Alegre

2014

Luis Carlos Peters Motta

Contrato Subjetivo de Educação Total: A nova relação família-escola

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Ciências Sociais – do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do grau de bacharel em ciências sociais - Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Silva Virginio

Porto Alegre

2014

AGRADECIMENTOS

À minha família (Maria Cristina, Dona Teteta, Magnólia, Saralee e Pepita (in memoriam) e ao recém-chegado Fiuque, pelo apoio e compreensão nas horas que troquei suas companhias por este trabalho.

Especial ao meu filho Nykolas Friedrich Von Peters Correia Motta, meu colega Doutorando em Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, que com seu conhecimento acadêmico sólido, me deu importantes diretrizes e correções neste trabalho.

Ao meu orientador, Professor Doutor Alexandre Virginio, pela paciência que dispendeu na orientação deste trabalho.

À Professora Elin Lautert, colega querida e estimada, que fez a revisão de português deste trabalho.

À Patricia Brander e à Simone Correia, Bibliotecárias da minha Escola que me ajudaram a garimpar parte da bibliografia aqui consultada.

“Tudo o que era estável e sólido desmancha no ar; tudo o que era sagrado é profanado, e os homens são obrigados a encarar com olhos desiludidos seu lugar no mundo e suas relações recíprocas”

MARX e ENGELS, Manifesto do Partido Comunista.

“Todos estamos matriculados na escola da vida, onde o mestre é o tempo.”

Cora

Coralina

RESUMO

Este trabalho tem como tema de estudo as relações entre a escola e a família frente aos atuais processos de socialização. Tomamos como hipótese a existência de um contrato subjetivo entre as famílias e a escola. Nosso objetivo foi verificar se esse contrato está vigente e como este afeta os professores. A metodologia utilizada valeu-se de observações na escola particular em que trabalho há dezesseis anos, um questionário (“survey”), depoimentos e conversas informais. Tomando por base as categorias sociológicas propostas por Peter Berger e Thomas Luckman (2009), buscamos verificar, pelos depoimentos dados por alguns professores, indícios de que as famílias estão delegando em grande parte a socialização primária para a escola. A análise dos dados revelou que é possível estarmos diante de um novo *habitus*, cujos efeitos são, entre outros, a sobrecarga de trabalho dos professores. Estes, afirmam que existe uma nova responsabilidade que lhes foi atribuída e vai além do limite de suas funções.

Palavras-chave: Relação Família-Escola, Socialização Primária

ABSTRACT

This work is the subject of study the relationship between school and family and is current processes of socialization. We hypothesized the existence of a subjective contract between families and the school. Our goal was to determine whether the contract is effective and how it affects teachers. The methodology drew on observations in the private school I work for sixteen years, a questionnaire (survey), testimonials and casual conversations. Based on sociological categories proposed by Peter Berger and Thomas Luckman (2009) we try to verify, by the testimonies given by some teachers, indications that families are delegating the primary socialization to school. Data analysis revealed that it is possible that we are facing a new *habitus*, whose effects are, among others, the workload of teachers. They claim that there is a new responsibility assigned to them and goes beyond the limits of their duties.

Keywords: Relationship Family-School, Primary Socialization

Lista de Tabelas

Tabela 1: Resultado da Pesquisa Similar.....	p.19
--	------

Lista de Figuras

Figura 1: tela de resultado da Plataforma Typeform (Survey).....p.25

Figura 2: tela de resultado da Plataforma Typeform (Survey).....p.25

Figura 3: tela de resultado da Plataforma Typeform (Survey).....p.26

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1. TEMA DE PESQUISA.....	9
1.2. PROBLEMA DE PESQUISA.....	9
1.3. HIPÓTESE.....	10
1.4. OBJETIVO.....	10
1.5. JUSTIFICATIVA.....	10
2. METODOLOGIA DE PESQUISA.....	12
3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	14
3.1. ENTRE O PASSADO E O FUTURO.....	14
3.2. O PAPEL DA FAMÍLIA HOJE E SUA RELAÇÃO COM A ESCOLA.....	15
3.3. PESQUISA SIMILAR.....	18
4. REFERENCIAL TEÓRICO: PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO E <i>HABITUS</i>	21
4.1. A SOCIALIZAÇÃO PRIMÁRIA.....	21
4.2. SOCIALIZAÇÃO COMO <i>HABITUS</i>	22
5. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	25
5.1. RESULTADOS	25
5.2. COMENTÁRIOS SOBRE OS DADOS.....	28
6. CONCLUSÕES	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi motivado pelas observações que faço na escola em que trabalho há 16 anos. Uma escola particular que tem como público alunos de classe média. Uma vez que é filantrópica matricula alunos bolsistas de classe média-baixa.

Como responsável pelo laboratório de informática, vivencio o cotidiano desses alunos, conheço a forma pela qual transitam nos espaços escolares, como se relacionam, e já presenciei e intervim disciplinarmente em várias situações de descumprimento das regras básicas do ambiente. As atitudes de conservação são raras nos alunos, e essas, ao que parece, pouco chamam a atenção da maioria dos professores. Este comportamento de incivilidade escolar vem aumentando nos últimos anos.

Os professores, em geral, reclamam muito que precisam dar conta, agora, de educar os filhos que “os pais não educam mais em casa”. Interessado nessa possível indicação de mudança de comportamento dos pais, é que proponho neste trabalho um olhar para essas mudanças, no que diz respeito aos processos de socialização a partir das relações entre família e escola.

1.1. TEMA DE PESQUISA

O tema insere-se na temática das relações entre família e escola no contexto dos atuais processos de socialização

1.2. PROBLEMA DE PESQUISA

Existe uma nova demanda dos pais para a Escola? Essa demanda envolve a socialização praticada no ambiente familiar? Que representações os professores fazem sobre essa nova demanda, caso ela exista? Enfim, que consequências no ambiente escolar decorrem do fato dessa nova demanda?

Nesse âmbito, nos inquieta a mudança do papel da família, que assumindo múltiplas configurações, começa a delegar alguns papéis que eram, tradicionalmente seus, para outros atores ou instituições.

A família contemporânea está pouco à pouco se deslocando da responsabilidade de prover essa fase de socialização primária e delegando esse papel para a escola. Pode-se dizer que tanto a família como a escola deve assumir o compromisso de educar moralmente as crianças e adolescentes. No entanto, vemos que há uma discordância

sobre o quanto cabe a um ou ao outro fazê-la, sendo comum uma cobrança mútua em relação à formação moral das crianças e adolescentes, bem como um jogo de culpa. De um lado, a família atribui a formação e educação dos filhos à escola, principalmente pela falta de tempo com estes; e, de outro, a escola concebe-se como responsável apenas por desenvolver as competências intelectuais, atribuindo à família a responsabilidade de educá-los moralmente. (MENIN,2010)

Esta tensão entre os papéis de família e escola consiste no que entendemos como a principal mudança (MENIN, 2010). Este trabalho propõe-se a verificar se as demandas da família para a escola sugerem a existência de um contrato firmado sem cláusulas e de forma subjetiva. A escola se vê diante de uma nova função socializadora: ensinar os conhecimentos clássicos e a civilidade das atitudes. Embora a observação seja feita a partir da escola em que trabalho, existem indícios de que tal demanda já se constitui como um fenômeno geral.

1.3. HIPÓTESE

A hipótese é a de que um contrato subjetivo de educação total foi estabelecido entre a família e a escola. Um contrato firmado, sem cláusulas assinadas, permite que as famílias deleguem uma grande parte da socialização primária à escola.

1.4 – OBJETIVO

O objetivo é procurar demonstrar a existência desse contrato a partir das representações feitas pelos professores, já que os educadores declaram não reconhecer como sua a demanda de educarem as atitudes e os comportamentos dos alunos.

1.5. JUSTIFICATIVA

A relevância do estudo de uma possível nova relação entre família e escola, no formato de um contrato subjetivo não verbal, reside no fato de que existem alguns indícios de uma nova demanda aos professores, o que está afetando o cotidiano da escola e o trabalho do professor em sala de aula:

O aumento das responsabilidades e exigências atribuídas aos professores passa pela transformação do contexto social, onde a comunidade social e as famílias têm transferido e atribuído novas tarefas – relativas à educação integral e ao estabelecimento de limites nas crianças e adolescentes – aos docentes, as quais anteriormente ficavam a cargo das famílias ou de outros cuidadores [...]. Mas será que isto também seria uma função dos professores ou tem havido uma confusão acerca do limite da extensão da função do professor? (MONTEIRO,2012).

Existe, no ambiente escolar, uma nova exigência feita ao professor em sala de aula. A confusão que o autor se refere parece indicar que essa mudança se estabeleceu rápida e sem cláusulas entre a família e a escola.

Zago (2008) reforça a importância do estudo das relações família e educação, afirmando que *“No campo da pesquisa sociológica, as relações entre família e educação estiveram no centro do debate sobre as desigualdades de acesso à educação segundo os grupos sociais”* (p.1). Assinala o autor citado, que não se trata de um assunto novo, mas devido às questões recentemente levantadas pelo novo papel que a família está assumindo, em muitas publicações relacionadas ao tema, abordagens metodológicas dão um “outro lugar” para as famílias, mobilizando uma série de estudiosos de sociologia da educação e psicologia em relação ao assunto.

Este trabalho se justifica na medida em que, historicamente, já foi apontado que a escola e o processo educacional sofrem com a crise de valores da família. Conforme Silvia Gusmão:

Hannah Arendt há meio século, previu que a educação seria atingida pela crise da família contemporânea. Atualmente, testemunhamos os efeitos gerados a partir da dinâmica instalada na família, cujas relações são marcadas pela horizontalidade, decorrente do declínio do poder patriarcal, também associado à emancipação da mulher e à sua entrada no mercado de trabalho. Esses fatores modificaram a maneira de educar e a sintonia que existia, em especial, entre família e escola. Dentre essas mudanças, destaca-se a dificuldade dos pais de estabelecer e sustentar os limites, o que tem resultado em sintomas psíquicos e sociais evidenciados na incapacidade para lidar com a diferença, respeitar o outro e compartilhar a vida em sociedade. Anteriormente, família e escola, com seus diferentes papéis, educavam de modo complementar. (2012, p.2)

A autora delinea um panorama de crise no ambiente familiar, apontando as dificuldades atuais que os pais têm de lidar com as situações disciplinares em casa; refere as consequências psicossociais deste fato, ressaltando um comportamento que reforça a individualidade das crianças. Aponta, também, o “papel complementar” que a escola e a família tinham no passado.

Na fundamentação teórica, estudaremos a nova socialização das famílias, apontada por alguns autores como um déficit de socialização primária. Com base nessa percepção, os estudiosos referem que os pais, com o passar do tempo, deixaram de cumprir esse papel que acontecia tradicionalmente no ambiente familiar.

2. METODOLOGIA DE PESQUISA

Escolhemos a técnica de pesquisa qualitativa, pois, segundo Rosenfield (2008, p.137), esta nos permite identificar - com maior liberdade - as dimensões subjetivas que abordaremos nesse trabalho. Alinhamo-nos também ao pensamento de Goldemberg (2011), quando a pesquisadora afirma que a pesquisa qualitativa é útil devido à metodologia particular das ciências sociais, já que *“tem sua especificidade, que pressupõe uma metodologia própria”* (p.10). Dentro dessa técnica, usamos a metodologia da pesquisa exploratória:

Leituras e entrevistas exploratórias devem ajudar a constituir a problemática da investigação. As leituras ajudam a fazer o balanço dos conhecimentos relativos ao problema de partida; as entrevistas contribuem para descobrir os aspectos a ter em conta e alargam ou retificam o campo de investigação das leituras. É essencial que decorram de uma forma aberta e flexível. Servem para encontrar pistas de reflexão, ideias e hipóteses de trabalho, e não para verificar hipóteses preestabelecidas. (QUIVY E CAMPENHOUDT, 2005, p.67)

Optei pela pesquisa exploratória considerando, principalmente, minhas restrições de tempo. Com a intenção de abranger mais pessoas e obter, se possível, mais indicadores, utilizei o recurso de “survey”, criando um questionário simples, usando a internet. Babbie (2001) ressalta a utilidade da técnica e sua importância, apontando a eficácia ao se examinar uma amostra da população. O autor, em sua obra, cita que Marx usou um “survey” enviado aos trabalhadores em 1880, e Weber fez uso do mesmo recurso durante seus estudos sobre a ética protestante.

O “survey” foi feito na plataforma TYPEFORM (<http://www.typeform.com/>), no link <https://luiscpmotat.typeform.com/to/zD8Vde>. Enviei o link pela rede social facebook, o qual foi compartilhado por alguns de meus amigos. Escolhi essa rede por possuir muita abrangência, além do fato de ser extremamente popular na contemporaneidade. Apliquei esse questionário durante sete dias. O público girou em torno das pessoas de minha relação: homens e mulheres, na faixa dos 35 aos 55 anos, professores, casados com filhos.

Estes profissionais, predominantemente, não eram professores da escola onde minhas observações começaram. Por isso, não caracterizo a escola como um objeto de pesquisa. As observações que fiz, em sua grande maioria, foram - como já descrito anteriormente - resultado das atitudes dos alunos e das reações dos professores, todas elas restritas às atividades desempenhadas por eles no laboratório de informática.

As conversas informais não foram registradas, apenas serviram como indicadores da insatisfação dos professores em relação à demanda nova. Através do método de pesquisa

escolhido, procurei dar conta de estabelecer as conexões necessárias e indicativas para verificar se a hipótese se comprovava, ou não.

Cabe salientar que foquei-me intensamente nos depoimentos; o “survey” foi útil para uma possível sustentação do que foi representado pelos professores em seus depoimentos.

A partir de então, a tentativa de comprovação da hipótese foi feita com base nas declarações dos professores, todas colhidas de seus depoimentos. Os professores são o nosso objeto de pesquisa, conforme caracterizado anteriormente.

Os depoimentos sugerem que existe, sim, uma nova demanda representada. Os autores pesquisados referem-na como uma crise do processo de socialização primária na família.

Importante lembrar que durante a revisão bibliográfica, o tema escolhido apareceu como pauta de vários autores. Historicamente eles vêm apontando crises na família e a sua consequente mudança de papel. Estas mudanças aparecem em trabalhos logo após a segunda guerra mundial, na década de cinquenta (GUSMÃO, 2012).

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Qualquer trabalho intelectual deve ultrapassar as interpretações estabelecidas, a fim de fazer aparecer novas significações mais esclarecedoras e mais perspicazes. É importante insistir desde o início na exigência de situar claramente o trabalho em relação a quadros conceptuais reconhecidos, a exigência da validade externa. (QUIVY E CAMPENHOUDT, 2005, p.49)

A relação entre a escola e a família, no âmbito da educação, não é recente. Ela envolve, entre outros fatores, a natureza social e histórica dos contextos, bem como a estrutura, características e funções sociais destas instituições.

3.1- ENTRE O PASSADO E O FUTURO

Em seu livro “Entre o Passado e o Futuro”, Hanna Arendt (2005) aborda a ruptura que aconteceu entre as tradições do passado e o futuro, representada na obra pelo presente vivido por ela: a década de 50 nos Estados Unidos da América. É nessa obra que Arendt aponta as causas da ruptura da época moderna com a tradição, e as consequências que esta ruptura trouxe para o homem moderno.

Um capítulo dessa obra é dedicado para abordar a crise na educação.

Sobre o “locus” da crise, a autora considera que:

É de fato tentador considerá-la como um fenômeno local e sem conexão com as questões principais do século, pelo qual se deveriam responsabilizar determinadas particularidades da vida nos Estados Unidos que não encontrariam provavelmente contrapartida nas demais partes do mundo. Se isso fosse verdadeiro, contudo, a crise em nosso sistema escolar não se teria tornado um problema político e as autoridades educacionais não teriam sido incapazes de lidar com ela a tempo. [...] Além disso, há sempre a tentação de crer que estamos tratando de problemas específicos confinados a fronteiras históricas e nacionais, importantes somente para os imediatamente afetados. [...] Pode-se admitir como uma regra geral neste século que qualquer coisa que seja possível num país pode, em futuro previsível, ser igualmente possível em praticamente qualquer outro país. (ARENDR, 2005, p.221)

Tudo indica que a atualidade do pensamento de Arendt ainda persiste. Ela afirma: o que foi encontrado na realidade norte-americana, pode ser aplicado a outro país; eu arrisco a dizer: em outro tempo, uma vez que a educação tem um papel importante no desenvolvimento da civilização.

Arendt, em seus conceitos, tem muitas assertivas atuais. Analisa a infância e a mudança da infância como um dos fatos importantes relacionados a essa crise. Aponta que a criança está perdendo o “espaço de ser criança”, sem o que ela chama de “escuridão” necessária para fugir do “clarão” do mundo adulto. Diz que “*parece óbvio que a educação moderna, na medida em que procura estabelecer um mundo de crianças, destrói as condições*

necessárias ao desenvolvimento e crescimento vitais” (p.223).

Quanto mais completamente a sociedade moderna rejeita a distinção entre aquilo que é particular e aquilo que é público, entre o que somente pode vicejar encobertamente e aquilo que precisa ser exibido a todos à plena luz do mundo público, ou seja, quanto mais ela introduz entre o privado e o público uma esfera social na qual o privado é transformado em público e vice-versa, mais difíceis torna as coisas para suas crianças, que pedem por natureza, a segurança do ocultamento para que não haja distúrbios em seu amadurecimento (ARENDRT, 2005, p.221).

A contemporaneidade, com suas novas demandas, volta a tirar o espaço necessário para a criança se desenvolver. Já no início da década de 90, do século 20, trabalhando em outra escola especializada em informática, notava que as agendas das crianças estavam lotadas com compromissos de atividades extraescolares, como: inglês, informática, esportes.

Analisando este dado sob o ponto de vista do parágrafo citado anteriormente, as crianças com sua “agenda cheia”, ou seja, ocupadas com mais atividades em espaços públicos (escolas de inglês, tênis, natação, informática) foram distanciadas de momentos consigo mesmas, perderam com o tempo o que Arendt chama de “segurança do ocultamento”, o tempo precioso com elas mesmas. A importância do brincar é destacada por Carneiro (2007, p.3):

As culturas infantis são constituídas por um conjunto de formas, significados, objetos, artefatos que conferem modos de compreensão simbólica sobre o mundo. Ou seja, brinquedos, brincadeiras, músicas e histórias que expressam o olhar infantil, olhar construído no processo histórico de diferenciação do adulto. Os brinquedos e brincadeiras elaborados e vivenciados pelas crianças ao longo da história da humanidade são, portanto, objeto de estudo que surgem à medida que entendemos a infância como categoria geracional sociologicamente instituída e produtora de uma cultura própria.

Embora não seja objeto de nosso estudo neste trabalho, a necessidade do ocultamento mencionada por Arendt (2005) dialoga com o que o autor menciona na citação anterior. O espaço perdido na infância também reflete na nova demanda socializadora da escola.

3.2 – O PAPEL DA FAMÍLIA HOJE E SUA RELAÇÃO COM A ESCOLA

O espaço da socialização primária é a família. É nessa instituição denominada pelo senso comum como “ pilar da sociedade” que as primeiras regras são apreendidas pelas crianças. É na família que elas recebem – segundo aquilo que os pais acreditam – as primeiras regras de socialização e conformação ao mundo. É dessa instituição que todos nós recebemos,

no passado, lições importantes (sem questionamentos) sobre como tratar e como nos comportarmos frente às autoridades e outras que encontraríamos pelo mundo ao qual fomos trazidos. Um dos autores clássicos, que se preocupou com a educação, foi Emile Durkheim. Segundo ele, a educação é:

[...] ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social: tem por objetivo suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destine (DURKHEIN, 1978, p. 41).

E situa o papel dos pais como importantes autores na (con)formação do sujeito que nasce com o papel desempenhado pela família:

[...] a sociedade se encontra, a cada nova geração, como que diante de uma *tabula rasa*, sobre a qual é preciso construir quase tudo de novo. É preciso que, pelos meios mais rápidos, ela agregue ao ser egoísta e associal, que acaba de nascer, uma natureza capaz de vida moral e social. Eis aí a obra da educação. Ela cria no homem um ser novo (DURKHEIN, p. 42).

Na verdade, o homem não é humano senão porque vive em sociedade. [...] É a sociedade que nos lança fora de nós mesmos, que nos obriga a considerar outros interesses que não os nossos, que nos ensina a dominar as paixões, os instintos, e dar-lhes lei, ensinando-nos o sacrifício, a privação, a subordinação dos nossos fins individuais a outros mais elevados. Todo o sistema de representação que mantém em nós a ideia e o sentimento da lei, da disciplina interna ou externa, é instituído pela sociedade (DURKHEIN, p. 45).

A problemática da relação família e escola é bem abordada pelo pesquisador e educador Reinaldo dos Santos:

Os modelos idealizados de família e de escola, que entraram para o imaginário social a partir de experiências de quarenta ou cinquenta anos atrás, atualmente não se configuram numa realidade recorrente. Vários fatores contribuíram para estas mudanças e estabelecimento de novos perfis destas instituições, dentre eles:

- o crescimento, urbanização e massificação da população, que passou a viver em cidades médias e grandes;
- a especulação imobiliária e a demanda reprimida do mercado imobiliário, que levou ao aumento de residências multifamiliares e/ou distantes dos pontos de trabalho e estudos das famílias;
- a inserção da mulher no mercado de trabalho, em larga escala, diminuindo o tempo disponível para dedicação às tarefas domésticas e ao cuidado direto dos filhos;
- a inclusão de um grande contingente populacional na escola básica, que levou à expansão dos sistemas escolares e aprofundamento da racionalização de tempos, espaços e relações escolares;
- transformações na cultura e nas relações sociais, sobretudo nas práticas matrimoniais e de constituição de família, com queda na taxa de natalidade, aumento do número de divórcios e de relações matrimoniais “extraoficiais”;
- ampliação do acesso a meios e conteúdos de mídia, como rádio, televisão e internet, que ampliou a perspectiva de contato cultural das crianças para além da família e da escola. (2009, p.155)

As novas configurações familiares têm sua importância no estudo de autores como Teixeira (2005):

A família contemporânea se pluralizou, não se restringe mais a modelos de famílias nucleares, são famílias recompostas, homo afetivas e mais um inúmero de denominações. Ao pensarmos em família, nos vem à mente o modelo convencional, um homem e uma mulher unidos pelo casamento e cercados de filhos. O que tem identificado a família na atualidade não são o casamento, nem a diferença de sexo do par ou ainda o envolvimento de caráter sexual. Sob o caráter da juridicidade, o elemento distintivo é a presença de um vínculo afetivo a unir as pessoas com identidade de projetos de vida e propósitos comuns, gerando comprometimento mútuo. Na última década surgiu uma corrente sociológica sobre a família com base nas perspectivas feministas, mas não se restringindo somente às mulheres. Uma das principais preocupações são as transformações que estão ocorrendo nos perfis familiares. As famílias vivenciam expectativas diferentes em seus lares e nas relações pessoais dos indivíduos (p.4)

Uma série de fatores contribuíram para essa nova mudança familiar. São eles: aspectos econômicos, culturais, mudança de mercado de trabalho. Hoje há famílias constituídas por pessoas do mesmo sexo, o que traz à tona questões de gênero para a socialização destas novas famílias. Dentro das questões relacionadas ao gênero e à socialização nesse novo ambiente familiar, autores sinalizam uma dimensão de democratização das relações:

Esse processo de “democratização das relações pessoais” afeta profundamente as representações e vivências do casamento. No contexto brasileiro, principalmente entre os segmentos médios urbanos mais intelectualizados, o casamento tradicional regido pela dominação masculina vem dando lugar a outra forma de casamento, onde a mulher reivindica igualdade e há uma constante negociação no relacionamento[...]. Nesse tipo de casamento, a intimidade tende a se reestruturar com base em novos valores, entre os quais amizade e companheirismo se colocam como fundamentais (ARAUJO, 2002).

No pensamento clássico de Durkheim (1978), já existe a preocupação do papel da família na formação da criança. Nesta perspectiva, ele dialoga com Arendt que sustenta a responsabilidade dos adultos para com as crianças:

O homem moderno, por outro lado, não poderia encontrar nenhuma expressão mais clara para a sua insatisfação com o mundo, para seu desgosto com o estado de coisas, que sua recusa a assumir, em relação às crianças, a responsabilidade por tudo isso. É como se os pais dissessem todos os dias: - Nesse mundo, mesmo nós não estamos muito a salvo em casa; como se movimentar nele, o que saber, quais habilidades dominar, tudo isso são mistérios para nós. (ARENDRT, 2000, p.237)

Segundo a autora, os pais estão se recusando a assumir a responsabilidade da educação das crianças. A dificuldade dos pais em passar os padrões e as práticas tradicionais de socialização é apontada por Tedesco. De acordo com ele, existe na sociedade contemporânea um déficit de socialização:

Vivemos num período no qual as instituições educativas tradicionais – particularmente a família e a escola – estão perdendo capacidade para transmitir com eficácia valores e normas culturais de coesão social. Esse “déficit de socialização” não foi coberto pelos novos agentes de socialização – os meios de comunicação de massa, em especial, a televisão -, que não foram projetados como entidades encarregadas da formação moral e cultural das pessoas.(TEDESCO,2001,p.30)

De certa forma, ele dialoga com Arendt quando diz que há um “*enfraquecimento dos eixos básicos segundo os quais são definidas as identidades sociais e pessoais, e, por outro, a perda de ideais, a ausência de utopia, a falta de sentido*”. (TEDESCO, p.41)

Essa “falta de sentido” é a desesperança em algum futuro, identificando a nova geração de jovens como uma geração que vive para o momento. Além disso, as consequências, segundo Tedesco, são três, resumidamente:

- a) redução do futuro e da trajetória pessoal e social exclusivamente ao critério econômico; quem pode mais tem mais, excluindo de maneira drástica as possibilidades de igualdade;
- b) a transmissão das identidades culturais, profissionais e políticas se voltam ao passado. Aparecem visões fixas na transmissão da historicidade, valendo-se de ideias pré-concebidas, também carregadas de forte ideologia;
- c) e, como consequência da falta de sentido, o novo e as transformações pouco acontecem. O autor declara: “*A transmissão é considerada conservadora e a transformação, destruidora*”.

Em acréscimo destaca Tedesco:

A família, como vimos, está vivendo transformações significativas que provocam o enfraquecimento – em relação ao seu papel na sociedade tradicional – de sua capacidade socializadora. Os professores percebem esse fenômeno cotidianamente, e uma de suas queixas mais recorrentes é que as crianças chegam à escola com um núcleo básico de socialização insuficiente para encarar com êxito a tarefa da aprendizagem. Para dizê-lo de forma muito esquemática, quando a família socializava, a escola podia ocupar-se de ensinar. Agora que a família não cumpre plenamente seu papel socializador, a escola não só pode efetuar sua tarefa específica com a eficácia do passado, mas começa a ser objeto de novas demandas para as quais não está preparada. (TEDESCO, 2001, p.73 e 74).

3.3. PESQUISA SIMILAR

Oliveira e outras autoras (2005) fizeram uma pesquisa com tema similar a este trabalho, intitulada “*RELAÇÃO ENTRE ESCOLA, FAMÍLIA E EDUCAÇÃO MORAL: UM LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO*”. Nesta pesquisa, as autoras fazem uma estatística sobre a quantidade de publicações que envolvem o tema da mudança de papel da escola para atender a nova demanda socializadora da família.

A pesquisa [...] é decorrente de uma questão intrigante que se deu a partir de análises dos dados empíricos de uma pesquisa maior, na qual participamos com bolsa de iniciação científica – PIBIC/CNPq. Constatamos que muitos agentes escolares defendem que educar moralmente as crianças e adolescentes deve ser uma função da família, mas que esta não está cumprindo o seu papel, o que faz com que a escola deva suprir tal lacuna. (p.1)

A motivação da pesquisa feita pelas autoras é aquilo que buscamos verificar, em nossa pesquisa empírica, nos depoimentos dos professores.

Descrivem as autoras na metodologia de seu trabalho que, buscaram por palavras-chave relacionadas com a relação família e escola e fizeram uma estatística, cujos resultados gerais reproduzimos em forma de tabela (tabela 1).

Além disso, julgamos juntar ao nosso trabalho, os dados desta pesquisa similar, pois eles corroboram aquilo que em nossa propomos, como hipótese da pesquisa. Destacamos na tabela que a grande ocorrência de palavras-chave sobre o tema da relação da família com a escola.

Essa grande frequência do tema de estudo, isto é, a relação família e escola, indica que os professores receberam a nova demanda que este trabalho busca apontar, ou seja, que estes afirmam que o papel de “educar moralmente” - conforme citam as autoras - é da família, não deles.

Tabela 1 – resultados da busca da pesquisa

PALAVRAS-CHAVE	QUANTIDADE DE ARTIGOS ENCONTRADOS	QUANTIDADE DE ARTIGOS SELECIONADOS
relacao escola-familia	2	1
relacao família-escola	12	5
parceria familia-escola	0	0
parceria escola-familia	2	1
parceria entre escola e família	4	0
escola-familia	7	0
familia-escola	27	5
familia e escola	266	3
jogo de culpa	1	0
atribuição de responsabilidade	10	0
Interação família-escola	1	0
Interação escola-família	0	0
Interação escola família	16	0
Participação da família na escola	21	0
Escola família educação moral	4	0
família educação moral	8	0
educação moral	103	0
Moralidade	101	10

Moral e escola	65	7
TOTAL	650	33

A revisão bibliográfica indica que existem mudanças significativas na instituição familiar. A família enfraqueceu a sua capacidade socializadora. Isto foi devido às mudanças de configuração do ambiente familiar que se relacionam de muitas maneiras. O cenário de mudanças globais, mudanças do mercado de trabalho afetaram as famílias, além de uma confusão sobre as questões disciplinares, cuja justificativa é a de não se reproduzir modelos autoritários de gerações anteriores, conforme estudou Arendt (2005).

A seguir, em nosso referencial teórico, estudamos a possível criação de um *habitus* mais complexo, segundo estrutura Lahire (2014) quando se refere ao conceito clássico de Bourdieu.

4. REFERENCIAL TEÓRICO: PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO E *HABITUS*

O processo de socialização tem algumas dimensões. Ele é um processo que acontece durante toda a vida do indivíduo. O início da socialização se dá no ambiente familiar. Preferimos não dizer que se dá “na família”, pois como já abordamos anteriormente, as configurações contemporâneas das famílias se alteraram.

Utilizando a socialização como uma categoria, partimos de Berger e Luckman e nos alinhamos com Maria da Graça Setton, que analisa os processos atuais de socialização como uma expressão de *habitus* híbrido. A autora remete, ademais, aos conceitos como fato social total (MAUSS, 1974). O conceito de fato social total é exposto na sequência dessa parte do trabalho e, esquematicamente, constitui-se numa coleção de fatores religiosos, jurídicos e morais, sempre com um caráter político-familiar, influenciado pelos modos de consumo e de produção. Entendemos que este conceito de fato social total, aliado ao conceito de *habitus*, dão conta do referencial teórico do nosso trabalho.

4.1 – A SOCIALIZAÇÃO PRIMÁRIA

Peter Berger e Thomas Luckman (2004) estabelecem duas categorias de socialização: a primária e a secundária. Estes assim compreendem a socialização:

O indivíduo não nasce membro da sociedade. Nasce com a predisposição para a sociabilidade e torna-se membro da sociedade. (...) O ponto inicial desse processo é a interiorização, a saber a apreensão imediata de um acontecimento objetivo dotado de sentido, isto é como manifestação de processos subjetivos de outrem, que desta maneira torna-se subjetivamente significativo para mim. [...] No entanto, a interiorização, no sentido geral aqui empregado, está subjacente tanto à significação quanto às suas formas mais complexas. Dito de maneira mais precisa, a interiorização no sentido geral constitui a base primeiramente da compreensão de nossos semelhantes e, em segundo lugar da apreensão do mundo como realidade social dotada de sentido. [...] Somente depois de ter realizado este grau de interiorização é que o indivíduo se torna membro da sociedade. (2004,p.173)

Os autores, evidentemente, situam na primeira infância o momento da socialização primária. Por conseguinte, sendo a família o abrigo da infância (tradicionalmente até então), é na família que o processo acontece:

A Socialização primária cria na consciência da criança uma abstração progressiva dos papéis e atitudes dos outros particulares para os papéis e atitudes em geral. Por exemplo, na interiorização das normas há uma progressão que vai da expressão 'mamãe está zangada comigo agora' a esta outra 'mamãe fica zangada comigo toda a vez que derrubo a sopa'. Desde que mais outras pessoas significativas (pai, avô, irmã mais velha, etc.) apoiam a atitude negativa da mãe em relação ao ato de derramar a

sopa, a generalidade da norma é estendida subjetivamente. O passo decisivo ocorre quando a criança reconhece que todos são contra o fato de entornar a sopa, e a norma generaliza-se tomando a expressão 'Não se deve derramar a sopa', sendo o 'se' parte de uma generalidade que inclui, em princípio, toda a sociedade, na medida em que é significativa para a criança. (2004,p.178)

Para determinar quando a criança interioriza esse conjunto de abstrações de papéis, estabelecem o “outro generalizado”. A criança então percebe, na socialização primária, que o mundo é cheio de regras, e pelo teste dos famosos “limites” dados pela família nesse processo, ela constrói um referencial de como se portar no mundo e relacionar-se segundo as normas aprendidas no ambiente familiar, pois segundo Berger e Luckman:

A formação na consciência do outro generalizado marca uma fase decisiva na socialização. Implica a interiorização da sociedade enquanto tal e da realidade objetiva nela estabelecida e, ao mesmo tempo, o estabelecimento subjetivo de uma identidade coerente e contínua. A Sociedade, a identidade e a realidade cristalizam no mesmo processo de interiorização.” (2004, p.179)

O outro generalizado se constrói, segundo os autores pela observação da criança em seu ambiente familiar e deste ela extrai o seu referencial de atitudes as quais se relaciona com o mundo.

Alguns autores, no campo sociológico, indicam que os processos de socialização não são bem delimitados e localizados, e sim, espalhados no tempo e no espaço. Isto é, embora existam espaços clássicos de socialização (no caso do estudo deste trabalho: a família e a escola), esses processos se estendam pela vida toda do indivíduo.

4.2 – A SOCIALIZAÇÃO COMO *HABITUS*

Para Bourdieu, “*o habitus é um sistema de disposições aberto, permanentemente afrontado a experiências novas e permanentemente afetado por elas. Ele é durável, mas não imutável*” (1989, p.34). O conceito de *habitus* trata-se, portanto, de um conjunto de atitudes que os sujeitos incorporam ao longo do seu processo de socialização, sempre dinâmico. Maria da Graça Jacintho Setton (2009), discorre sobre o processo de socialização no âmbito da sociologia da educação.

Mais precisamente, pensar a teoria da socialização a partir de um ponto de vista relacional[...]. Para melhor compreender o fenômeno da socialização contemporânea, propõe-se pensar essa prática como um fato social total, isto é, uma prática social vivida por uma dinâmica processual a partir da troca de bens e mensagens simbólicos entre agências e agentes socializadores, que envolve simultaneamente todos os indivíduos com a tarefa de manter o contrato e o funcionamento da realidade social. Para desenvolver esse argumento, dar-se-á ênfase

a duas teorias da ação que discutem o processo de socialização: a primeira se refere à teoria do *habitus*, de Pierre Bourdieu; a segunda, àquela desenvolvida por Bernard Lahire que, em uma interpretação particular e crítica a Bourdieu, propõe uma leitura contemporânea da socialização, cunhando a expressão homem plural.(p.3)

Nesta oportunidade, a autora já cita a realidade social como um contrato (a partir das trocas simbólicas, contrato da realidade social). Amplia a análise de socialização para a categoria de fato social total, a partir do conceito de Mauss. Assevera Setton (2009) que:

A noção de *fato social total* [...] Mauss (1974, p. 41) refere-se a um conjunto enorme de fatos que se relacionam de maneira complexa. Nesses fenômenos, [...] tudo se mistura, tudo o que constitui a vida propriamente social das sociedades que precederam as nossas - até as da proto-história. Nesses fenômenos sociais "totais", como nos propomos chamá-los, exprime-se, ao mesmo tempo e de uma só vez, toda espécie de instituições: religiosas, jurídicas e morais - estas políticas e familiares ao mesmo tempo; econômicas - supondo formas particulares de produção e de consumo, ou antes, de prestação e de distribuição, sem contar os fenômenos estéticos nos quais desembocam tais fatos e os fenômenos morfológicos que manifestam estas instituições. (2009, p.3).

Entendemos essa nova demanda das famílias para a escola como um fato social total, segundo a perspectiva abordada pelos autores citados. Sendo esta demanda derivada - em sua essência - de uma mudança complexa da família, influenciada por uma série de instituições, esta agora afeta, como vimos anteriormente, a instituição escolar. Além disso, a autora reforça a dimensão de contrato ao se referir ao processo de socialização:

A socialização aqui é compreendida como um processo que busca a construção de um ser social. Seu caráter é contratual, revestido de forte conteúdo moral e ético, pois implica a orientação segundo padrões de comportamento definidos e legitimados *a priori* (2009,p.5).

Maria da Graça Setton entende o processo de socialização como uma categoria, e completa:

A contemporaneidade caracteriza-se por oferecer um ambiente social em que o indivíduo encontra condições de forjar um sistema de referências que mescle as influências familiar, escolar e midiática (entre outras), um sistema de esquemas coerente, no entanto híbrido e fragmentado. [...] Mais do que isso: ajuda a pensar essas instâncias em suas dimensões econômica, moral, estética e política, responsáveis pela formação de um *habitus*, sistema de disposições, tal como pensando por Pierre Bourdieu (2009,p.6).

Estamos diante do processo de socialização como uma categoria. Esta abrange o ambiente familiar e se estende por toda a vida do indivíduo. Recebe influências; forma o *habitus*. Lahire amplia e aperfeiçoa o conceito proposto por Bourdieu, na medida em que:

Ao observar o mundo social à escala individual, tomamos rapidamente consciência do fato de que as “influências” socializadoras que modelam os indivíduos estão longe de ser perfeitamente coerentes, contrariamente ao que se pressupõe quando se evoca abstratamente as “classes de condições de existência” constitutivas dos *habitus*, que os indivíduos portanto raramente possuem patrimônios de disposições homogêneas, e, enfim, que as disposições (mais ou menos fortemente constituídas e mais ou menos heterogêneas) de que eles são portadores não se transferem sistematicamente de uma situação à outra. (LAHIRE, 2013, p.2)

O autor pontua que a noção de *habitus*, proposta por Bourdieu, é mais complexa, uma vez que – segundo ele - os indivíduos são construídos durante a vida por múltiplas influências no agir e nas dimensões do pensar.

Mesmo à luz dessa crítica, podemos associar o conceito de *habitus* à análise desse novo contrato que propomos, visto que a socialização das crianças é dividida, ainda que sem exclusividade, entre essas instituições. Porém, assumimos que existe uma complexidade muito maior neste novo contrato subjetivo. A socialização se dá de muitas maneiras diferentes, reconfigurando as relações e/ou expectativas de reciprocidade entre escola e família. O resultado, a partir do que apreendemos da realidade, é como propomos, um novo contrato subjetivo de educação total envolvendo essas instituições. A seguir, apresentamos os resultados de nossa pesquisa empírica.

5 – ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Apresentamos nessa seção os dados obtidos em nossa pesquisa empírica.

5.1 RESULTADOS

Apresentamos aqui os resultados do “survey”, com telas extraídas da plataforma “online”. Este questionário abrangeu um público mais geral. Ao todo, 42 pessoas responderam o questionário. Após três semanas, colhemos os resultados das perguntas. As perguntas foram divulgadas nas redes sociais e o perfil dos consultados é o de pessoas de classe média, com filhos, professores ou pessoas ligadas à área da educação.



Figura 1 – Tela da Plataforma Typeform

Os resultados acima demonstram que, na opinião dos entrevistados, ainda prevalece o papel clássico da escola, embora uma parcela tenha respondido que a escola já está dando conta da educação relativa às atitudes.



Figura 2 – Tela da Plataforma Typeform

Aqui temos uma opinião mais generalizada e alinhada com a hipótese deste trabalho. Alguns entrevistados parecem opinar sobre o fenômeno objeto deste estudo. Metade deles entende que a família educa “um pouco”.

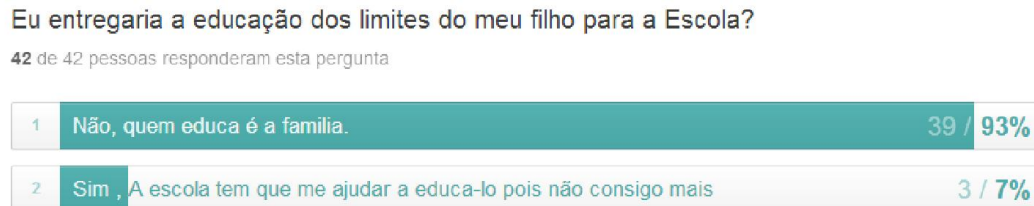


Figura 3 – Tela da Plataforma Typeform

Nesta pergunta, a maioria responde que o papel da educação dos limites é da família, reconhecendo que a socialização primária se dá no ambiente familiar.

O grupo de 42 pessoas que respondeu o “survey”, não representou, em sua maioria, aquilo que é a nossa hipótese de trabalho. Consideramos esse “survey” como uma prévia para os depoimentos que colhemos dos professores. O que o público representou nessas respostas indica que ainda prevalece a noção de que a família é uma instituição básica. Como tal, é responsável por entregar ao mundo uma criança apta, no que diz às suas atitudes, para dialogar com as instituições que completarão o processo de socialização.

Ou seja, temos representado, pela grande maioria, o papel clássico da escola e da família. Não podemos deixar de assinalar que uma porcentagem das respostas evidencia que a escola pode dar conta da educação disciplinar dos filhos. Conforme declaramos, por questões relacionadas ao nosso restrito tempo, o questionário foi limitado a questões mais amplas.

A fim de analisarmos ainda mais a realidade empírica, tomamos depoimentos de pessoas relacionadas à área da educação, como já mencionado em nossa metodologia. Os professores são nosso objeto de estudo. Perguntamos se, no entendimento dos entrevistados, as famílias estariam entregando a educação integral das crianças e adolescentes para a escola. Salientamos que essa educação aqui referida compreende o estabelecimento de limites acrescido dos conhecimentos clássicos.

M. Professora:

“Na realidade, os responsáveis estão sem tempo, e acho que sem paciência...

infelizmente... não apenas em escolas particulares, mas vejo isto no ensino público também. Eles esquecem que os pais têm a responsabilidade de educar e a escola de ensinar. A escola não deveria ter a responsabilidade de educar, pois como se diz... Educação vem de casa... professores atualmente são além de professores, psicólogos de alunos carentes de educação e de limites, o que deveria ser da responsabilidade dos pais” (sic).

C. Professora :

“Acredito que seja por causa da carga horária de trabalho do pai e da mãe, levando a família a contratar a educação em tempo integral das crianças. Creio que seja por necessidade, e não por simples opção” (sic).

R. Professor:

“Muitas famílias de hoje transferem a educação que deveriam dar pro seus filhos pra escola, deixando de fazer sua parte, acham que a escola deveria dar conta de tudo, estão invertendo os papéis (...) têm muitos pais que nem se preocupam se seus filhos estão bem, ou sequer estão passando por problemas (...) os sintomas são bem visíveis, pois cada vez mais os consultórios estão mais cheios de crianças com dificuldades de aprendizagens” (sic).

D. Professora

“Porque com a entrada da mulher no mercado de trabalho, gradativamente a Escola ficou com a função que esta – “mulher-mãe” exercia, já que a mesma precisou trabalhar junto ao marido para poder exercer um novo status e porque o sistema atual vigente – o capitalista- necessita de pessoas que estejam trabalhando para que este se perpetue” (sic).

M. Professora

“Hoje em dia, as pessoas estão cada vez mais envolvidas em suas atividades profissionais que exigem tempo, dedicação, aperfeiçoamento, ficando cada vez menos momentos com seus filhos. Além disso, a nossa sociedade está vivendo uma crise de valores e de limites. Está cabendo à escola formar muitos alunos não só em relação

aos aspectos cognitivos, mas também em relação aos valores e limites.” (sic)

5.2. COMENTÁRIOS SOBRE OS DADOS

Como se trata de uma pesquisa qualitativa, procurei analisar a representação nas falas dos professores, com a possibilidade de vislumbrar o novo contrato que propusemos. Os depoimentos dos professores revelam muitas das questões vistas em nossa revisão bibliográfica e referencial teórico. Questões apontadas por Tedesco (2001) no que se refere ao déficit de socialização, estão representadas nos depoimentos dos professores. Aparece também, a questão da mudança de mercado, fato esse que levou a maioria das mulheres para o trabalho fora de casa e tirou o tempo dos pais com os filhos. Crises de valores e confusão em relação à educação disciplinar dos filhos aparecem em quase todos os depoimentos dos professores.

Os professores estão vivendo uma situação para a qual se declaram estar “no limite”. Estudos de Monteiro e outros (2012) mostram que os professores estão adoecendo. Estes se veem diante de duas demandas em sala de aula: dar conta dos programas de ensino com metas e indicadores, e ainda interferir disciplinarmente nas atitudes dos alunos. Isto aparece quando os professores citados declaram que a família não “está educando para os limites”, e que esse papel está sendo delegado para eles, em sala de aula.

Os depoimentos parecem indicar, que a instituição da família ampliou o *habitus* relacionado com a socialização primária até a instituição escola, este, que como já comentamos está afetando o trabalho e a saúde dos professores.

6 – CONCLUSÕES

A abordagem e o estudo dos problemas de socialização não são recentes. Estão na pauta de autores relacionados com a educação. Estes, preocupados com a qualidade da educação, assinalam que existe um déficit de socialização nas famílias (TEDESCO,2001). A importância dos processos de socialização com uma visão mais contemporânea e problematizada com o conceito de *habitus*, é mais recente revelando uma gama de complexidade que amplia o conceito clássico de Bourdieu (SETTON,2009 e LAHIRE, 2014).

O que o nosso trabalho revela é que essas questões estão presentes no cotidiano dos professores e estão impactando na qualidade do trabalho em sala de aula e na saúde dos professores. Entendemos que as famílias não estão entregando a totalidade da socialização primária para as escolas mas, por fatores que vimos, como, por exemplo, a entrada da mulher no mercado de trabalho, o espaço tradicional de vivência da família, o tempo dos pais com os filhos está reduzido. Esta mudança de configuração no ambiente familiar está afetando os processos de socialização que não são mais os tradicionalmente entendidos para a família. Uma dimensão não abordada pela sua extensão neste trabalho, é a de que as Tecnologias da Informação e Comunicação, com seus dispositivos móveis conectados à internet e as redes sociais, também estão fazendo parte dos atuais processos socializadores das crianças.

A Escola não acompanhou, na mesma velocidade, as transformações que se operaram na configuração familiar. Esse “desacordo” entre essas duas partes está afetando a escola e os professores. O contrato citado nesse trabalho foi estabelecido sem a preparação de uma das partes: a escola. Como visto nos resultados da pesquisa, essa nova demanda está afetando muito o trabalho em sala de aula e a saúde dos professores. Não encontramos ainda uma posição da escola sobre as novas demandas das famílias. São os professores que denunciaram essa nova demanda.

A hipótese deste trabalho, aparenta ser sustentável tanto pelos dados coletados quanto pela bibliografia consultada para a realização desse trabalho. Consideramos que nosso objetivo foi atingido, pois as representações que os professores fizeram, indicam a existência dessa nova demanda. Reconhecemos, também, que existem questões que merecem ser investigadas com maior profundidade nessa linha de pesquisa. É pertinente entrevistar, com maior detalhamento, todos os envolvidos nesse processo: pais, professores e direção da escola.

Retomando a justificativa do estudo deste trabalho, consideramos que este contrato é um contrato estabelecido e, como tal, não será revogado. Ou seja, a escola está diante dessa nova demanda, visto que as famílias mudaram. Minimizar seus efeitos, em nossa opinião, é aproveitar um conceito que existe em educação sobre a participação dos pais. Uma das ações possíveis para reduzir os efeitos dessa nova demanda seria trazer os pais protagonistas que participam efetivamente da vida escolar dos filhos, não somente na perspectiva atual de um simples cliente de serviço. Trazer à consciência dos pais o seu papel importante como agente educador, talvez possa minimizar os efeitos negativos desse contrato. Isso vai requerer uma mudança de postura das direções das escolas.

Conforme Garcia (2010) falando sobre a importância da participação dos pais na escola:

Precisamos todos andar juntos, escola, professoras, os pais, a família e as crianças. Precisamos contar com o apoio da família de cada criança para que seu desenvolvimento aconteça em um processo de superações e conquistas. Neste processo é relevante o afeto, o respeito, a confiança e a cooperação mútua (p. 8).

A partir dessas considerações, e com base nas conclusões e dados desse trabalho, propomos que seja denominado de CONTRATO SUBJETIVO DE EDUCAÇÃO TOTAL a nova demanda subjetiva entre as famílias e a escola. Esta seria uma das etapas de socialização primária, anteriormente delegada ao ambiente familiar, agora vista como parte da responsabilidade da instituição escola, que será acrescida à educação formal de conhecimentos.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Maria de Fátima. **Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações**. Psicol. cienc. prof. vol.22 no.2 Brasília, Junho 2002.

Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932002000200009&script=sci_arttext&tlng=es> Acesso em: Março de 2014

ARENDT, Hannah. **A crise na educação**. In: *Entre o passado e o futuro*. Tradução Mauro W. Barbosa de Almeida. 3ª reimpressão da 5ª ed. de 2000. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BABBIE, Earl. **Métodos de Pesquisas de Survey**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

BERGER, Peter L., LUCKMANN, **A Construção social da Realidade, Tratado de Sociologia do Conhecimento**, Tradução de Floriano de Souza Fernandes, 24ª Edição, Petrópolis, Editora Vozes, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989

CARNEIRO, Maria Ângela Barbato e DODGE, Janine J. **A descoberta do brincar**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2007.

DOS SANTOS, Reinaldo. **Família e escola no processo contemporâneo de socialização primária: Reflexão sociológica sobre representações e expectativas institucionais**, IN: Tempos e Espaços Civilizadores: Diálogos com Norbert Elias, Universidade Federal da Grande Dourados COED: Editora UFGD, 2009.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. São Paulo, Melhoramentos, 1978.

GARCIA, Elisângela Rodrigues. **A relação de parceria entre professor e família, como um fator importante no desenvolvimento de projetos de ensino e aprendizagem**. Disponível em

<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000823646&loc=2012&l=c80ec946b9e645>, 2010. Acesso em: Janeiro de 2014

GOLDENBERG, Mirian. **A Arte de Pesquisar, como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**, São Paulo, Record, 2011.

GUSMÃO, Sílvia. **FAMÍLIA AUSENTE EDUCAÇÃO EM CRISE**. Disponível em <<http://ne10.uol.com.br/coluna/trajeto-profissional/noticia/2012/07/23/familia-ausente-educacao-em-crise-356369.php>>. Acesso em: março de 2014.

LAHIRE, Bernard. **O Singular Plural**. Disponível em <http://sociofilo.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2013/12/2_Lahire.pdf>. Acesso em: Abril de 2014

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva, forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. In: *Sociologia e antropologia*. v. 2. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

MENIN, Maria Suzana De Stefano. **EDUCAÇÃO MORAL NA PRIMEIRA INFÂNCIA.** Limites. Revista Pátio, Abril/Junho de 2010, número 23.

MONTEIRO, Janine Kieling e outros. **Professores no limite: o estresse no trabalho do ensino privado no Rio Grande do Sul / Janine Kieling Monteiro; Patrícia Dalagasperina; Maríndia Oliveira de Quadros.** Porto Alegre, Carta editora, 2012.

NAVE, Felipe Jorge; JESUS, Saul Neves de. **Ameaças à funcionalidade familiar: uma perspectiva sistêmica da cultura organizacional da(s) família(s).** - Educação. Revista do Centro de Educação, 2001, p.21.

OLIVEIRA, Alana Paula de, Menin; Maria Suzana De Stefano. **Relação entre Escola Família e Moral: Um levantamento Bibliográfico,** UNESP, Presidente Prudente, SP, 2005.

QUIVY, Raymond, CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de Investigação em Ciências Sociais.** Tradução de João Minhoto Marques, Maria Amália Mendes e Maria Carvalho, , Gradiva, Portugal, 4ª Edição: Outubro de 2005.

ROSENFELD, Cinara Lerrer; SANTOS, Tania Steren dos; HOLZMANN, Lorena; BRUMMER, Anita. **A elaboração de um projeto de pesquisa em Ciências Sociais, in Ciências Humanas: Pesquisa e Método / Organizado por: Celi Regina Jardim e Cesar A. Barcelos Guazelli.** Porto Alegre, Ed. da UFRGS, 2008.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A socialização como fato social total: notas introdutórias sobre a teoria do habitus** em Rev. Bras. Educ. vol.14 no.41 Rio de Janeiro, Mai/Ago 2009.

TEDESCO, Juan Carlos, **O Novo Pacto Educativo.** Tradução: Otacílio Nunes, 1ª Edição, São Paulo, Editora Atica, 2001.

TEIXEIRA, Geiliane Aparecida Salles **FAMÍLIA E ESCOLA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O PAPEL SOCIAL DESSAS INSTITUIÇÕES NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA** , 2005, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Disponível em <http://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais14/arquivos/textos/Workshop/Trabalhos_Completos/Geiliane_Teixeira.pdf>. Acesso em: Fevereiro de 2014

ZAGO, Nadir. **RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: TENDÊNCIAS DE ANÁLISE** Disponível em http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2008/Sociologia_da_educacao/Trabalho/01_15_15_Relacao_familia_e_escola_tendencias_de_analise.pdf. Acesso em: abril de 2014.